

*apena*

# DESPORTO

O MELHOR SEMANÁRIO DESPORTIVO REGIONAL

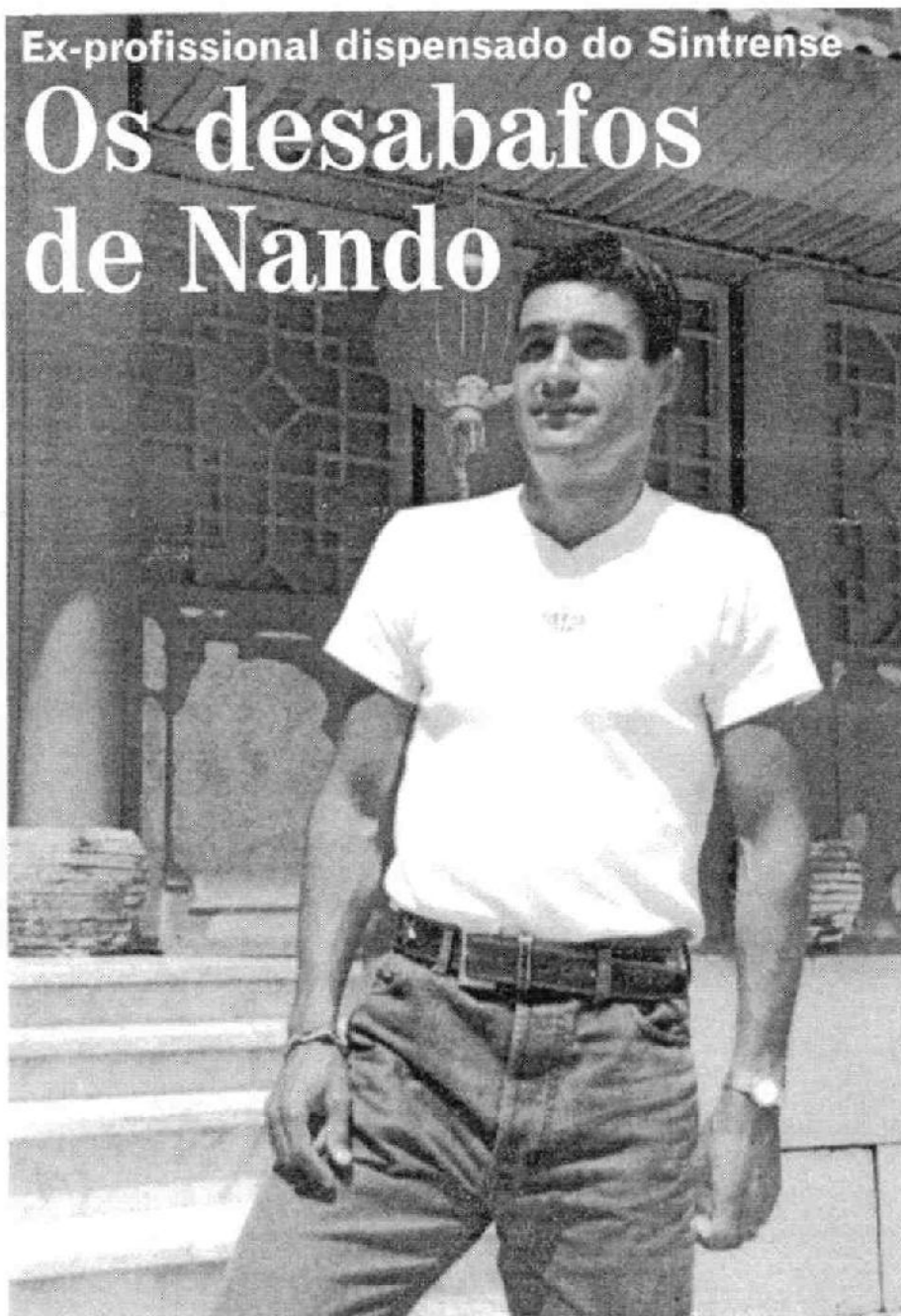
EDITOR Nuno Azinheira EDITOR-ADJUNTO Rui Camões

Quinta-feira, 16 de Julho 1998

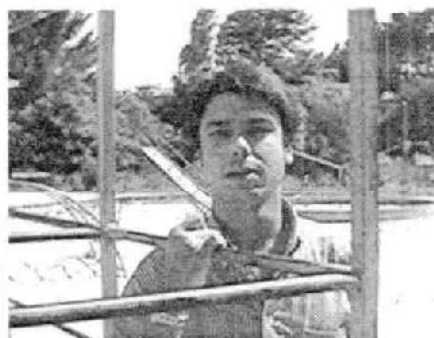
Este suplemento é parte integrante do jornal A PENA e não pode ser vendido separadamente

Ex-profissional dispensado do Sintrense

## Os desabafos de Nando



## Entrevista a Tristão Zenida



Tristão Zenida foi campeão nacional, venceu a Taça de Portugal, conquistou uma Taça CERS, foi internacional por Portugal, representou o Sporting e o Hockey de Sintra. Agora, ainda magoado, rumo para Nafarros. Onde se sente bem e quer triunfar.

## José Azevedo honra Joaquim Agostinho

José Azevedo, do Maia Cin, venceu o Grande Prémio Internacional de Torres Vedras / Troféu Joaquim Agostinho. Uma vitória a toda a linha numa prova que, uma vez mais, honrou o maior ciclista português de todos os tempos

### As melhoras de Herculano

DURO como é, bravo e resistente como sempre foi, Herculano Pombo, vereador da Câmara Municipal de Sintra, ex-responsável pelo desporto da autarquia, vai mostrando sinais de melhoras, vai lutando contra o infortúnio. De Sintra, da "malta do desporto", vai "aquele abraço". Força, Herculano!

# NANDO

A primeira grande entrevista depois da dispensa

## “Fui vítima de um complot”

Depois de uma mão cheia de anos a jogar na I divisão nacional, Nando regressou à terra natal. No Sintrense, chegou, viu e impôs-se. Com naturalidade. A sua experiência e o seu profissionalismo foram uma mais valia importante no ano da subida à II divisão.

Titular indiscutível, voz de comando entre os companheiros de equipa, Nando foi dispensado pela equipa técnica. Em entrevista exclusiva ao jornal A PENA (a sua primeira grande entrevista), o jogador diz-se magoado e garante que foi vítima de um complot.

NUNO AZINHEIRA

**A PENA** – Depois de ter sido quase sempre titular ao longo da época, foi dispensado pela equipa técnica do Sintrense. Está magoado?

**N** – Estou, estou magoado. E estou porque sempre os apoiei em tudo. E eles agora trataram-me assim.

**A PENA** – Que motivos encontra para este tratamento que diz ter sofrido?

**N** – Repare. A minha experiência, o meu profissionalismo, faziam com que eu tivesse um relacionamento diferente com os jogadores. Eu dou-me muitíssimo bem com os meus companheiros, que são pessoas espectaculares. Aconselho-os, enfim, tenho um relacionamento excelente. E eu acho que eles pensaram que eu queria poder. Eu não quero poder, eu queria era jogar à bola.

**A PENA** – “Eles” quem?

**N** – É assim, eu não tenho nada contra o senhor presidente. Penso até que ele é um bom presidente. Está é mal acompanhado.

**A PENA** – E quem é essa má companhia?

**N** – São dois directores do clube, o Filipe Lopes, chefe do departamento de futebol, e o António Félix, que eu nem sei bem o que faz no Sintrense.

**A PENA** – Mas foram esses dois dirigentes os responsáveis pela sua dispensa do clube?

**N** – Sim, não tenho dúvidas. Foram eles que organizaram um complot, dizendo que eu sabia demais. E influenciaram o Daúto, o Abreu, entre outros.

**A PENA** – Que outros?



SERGIO SANTOS

é que não. Eu, pelo menos, nunca os vi lá.

**“Nunca fui lambe-botas”**

**A PENA** – Como é que eram as suas relações com Filipe Lopes e António Félix?

**N** – Frias. Eram do tipo «bom dia, boa tarde». Agora nem isso.

**A PENA** – E nunca procurou esclarecer essa frieza das relações?

**N** – Eu não tinha que esclarecer nada. Sabe, eu nunca fui puxa-saco, nem lambe-botas de ninguém. Nunca precisei de engraxar e há algumas pessoas que não gostam disso. Há muita gente que não gosta de ouvir as verdades.

**A PENA** – Há pouco, falou que não queria poder. Não acredita que a sua posição, que o ascendente que tinha sobre os jogadores, poderia deixar a ideia de alguma ansia de poder?

**N** – Não, nada disso. Eu não tenho culpa que os meus colegas me respeitem e me procurem. Eles sabem que eu posso ajudá-los, devido à minha experiência. Eu não tenho culpa disso, nem de ser o primeiro a saber algumas coisas.

**A PENA** – O primeiro a saber?

**N** – Sim, por exemplo, eu fui o primeiro a saber que o Lixa tinha assinado pelo Vitória de Guimarães. Houve um dia em que um amigo meu da Rádio Guimarães me ligou, a dizer que o Lixa tinha assinado pelo Vitória e a pedir-me para entrar em directo para a rádio, para falar sobre o jogador. Eu falei, e depois, mais tarde, telefonei ao pre-

sidente a dizer-lhe que o Lixa tinha assinado e ele não acreditou. À noite, o Lixa veio ter comigo e disse-me «eh, pá, meti-me numa enrascada». Eu ouvi-o e disse-lhe que ele tinha feito mal em não falar primeiro com o presidente do Sintrense. E ele reconheceu o erro. Também o Daúto não tinha acreditado quando eu lhe disse. Só depois, à noite, é que o Lixa confirmou tudo.

**A PENA** – E acha que isso incomodou muita gente?

**N** – Claro, não tenho dúvidas. E foi também por isso que se montou o tal complot.

**“Fui vítima de um complot”**

**A PENA** – Porque é que insiste na ideia do complot?

**N** – Porque é a verdade. Aliás, ninguém percebe porque é que eu sou dispensado. Fui titular em quase todos os jogos (quando não fui, estava lesionado), sinto-me com força para jogar mais dois ou três anos e, aliás, toda a gente reconhece isso. O próprio Lixa, no jantar dos jogadores disse: «Como é que é possível o Nando e o Fernando Jorge, que formaram a dupla de centrais da defesa menos batida do campeonato, e que deram tanto ao clube, serem dispensados?». Ninguém percebe.

**A PENA** – Como é que lhe comunicaram que ia ser dispensado?

**N** – Houve um dia em que eu cheguei ao campo e o Daúto chamou-me à cabina. Queria conversar comigo, mas não lhe saíam as palavras. E eu até lhe disse: «eh, pá, desembucha,

**N** – Outras pessoas, como as da Rádio Sintra.

**A PENA** – Mas, quando é que começou a sentir essa má vontade?

**N** – Penso que foi a partir de um dia em que saíram três convocatórias e não

estava nenhum director. Eu telefonei ao presidente e disse-lhe que não podia ser, que era dia de saírem as convocatórias e que não estava ninguém no campo. Porque, repare, um chefe do departamento de fute-

bol, a meu ver, tem que acompanhar os jogadores, ver o que o técnico faz nos treinos, para transmitir à direcção. Eles, de facto, estavam lá todos os dias, mas na secretaria, ou noutros sítios. A ver os treinos

diz lá o que queres!». E ele lá disse, de forma pouco convincente, «olha, se calhar, não estou a contar contigo para a próxima época». Se calhar... E eu respondi-lhe: «não, era só isso que me queria dizer? Então, adeus». E saí da cabina. Cá fora, até estavam alguns sócios, que me perguntaram «então, Nando, já assinaste?». «Não, vou deixar o Sintrense», disse-lhes.

#### «Daúto deveria ter mais confiança em si próprio»

**A PENA** – Como é que era a sua relação com Daúto?

**N** – Excelente. Sempre foi muito boa. Eu defendi-o sempre com unhas e dentes e penso que o terei ajudado. Mas o Daúto ouviu muita coisa. Se me permite, eu acho que o Daúto deveria ter mais confiança em si próprio e não devia confiar tanto em tudo o que lhe dizem. É que nem todas as pessoas lhe querem bem. Não tenho dúvidas: eu fui um dos poucos amigos do futebol do Daúto: tudo o que lhe tinha a dizer, disse-lhe na cara, frontalmente. Não o faço nas costas, como outras pessoas. E por isso mesmo, desejo-lhe as maiores felicidades profissionais e pessoais.

**A PENA** – E com Adriano Filipe?

**N** – Sempre foi boa. Volto a dizer: ele é um bom presidente, mas muito mal acompanhado. E tem um defeito grande: é muito influenciável por pessoas que não merecem estar no Sintrense, porque não estão à altura da grandeza do clube. Eu penso que o Sintrense não soube aproveitar bem o facto de eu ter vindo para cá e a projecção que eu dei ao clube. Pela primeira vez, o Sintrense foi duas vezes à televisão. Uma vez, os Donos da Bola vieram a Sintra, para me entrevistar, para saber o que era feito de mim. Filmaram Sintra, o Sintrense, eu falei do clube. De uma outra vez, eu fui aos Donos do Jogo e também falei do Sintrense. O clube nunca tinha tido essa projecção. E o presidente Adriano Filipe esqueceu-se disso. E esqueceu-se, também, que, quando era meu amigo, foi a Guimarães com o senhor Félix, viu um jogo, bateu palmas e foi a minha casa.

#### Edgar Azevedo devia ser o chefe de departamento

O presidente devia ter um chefe de departamento forte e não tem. Olhe, o se-

nhor Edgar, esse sim, seria um excelente chefe de departamento de futebol. É um homem de Sintra, merece-me o maior respeito, pela dedicação e pelo empenho, mesmo nas alturas da doença. Ele e o presidente Adriano formariam um grande dupla.

Mas o presidente pode estar descansado, porque eu gosto muito daquele clube. Aliás, na altura dos contratos, eu aconselhei alguns jogadores a ficarem no Sintrense, porque é um grande clube, que paga certo, que cumpre os seus deveres. Havia jogadores que não queriam ficar, porque o clube paga pouco, mas ficaram e em muito devido aos meus conselhos. Portanto, presidente, esteja descansado, porque eu só dou bons conselhos. Apesar de todos os arranjos que criaram.

**A PENA** – Arranjinhos?

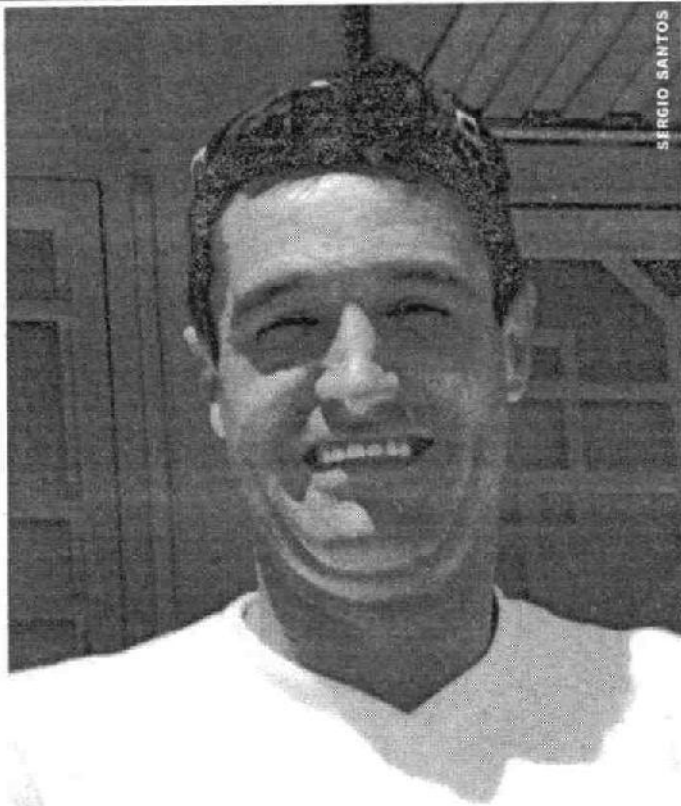
**N** – Sim, arranjinhos, porque o tal complot estendeu-se, por exemplo, à Rádio Clube de Sintra. Eles fizeram uma entrevista no final da época, em que fizeram o balanço da época do Sintra. Convidaram o presidente, o treinador e o Fernando Jorge. Fiquei muito magoado por não me terem convidado, ainda por cima, porque eu era reconhecido como o capitão da equipa. É muito estranho, ainda por cima porque mais de metade da entrevista foi a falar sobre mim, sobre a minha dispensa.

**A PENA** – Mas pensa que o facto de não o convidarem foi premeditado, foi uma extensão do tal complot?

**N** – O que eu sei é que eles não quiseram que o Nando estivesse lá em directo, mas telefonaram para minha casa às nove e meia para entrar em directo. Ora, se eu não servia para estar lá, para que é que me telefonaram. Ora, aí se prova que era um complot. Até porque risadas havia muitas. Só faltava um baralho de cartas...

**A PENA** – Sabe que em rádio, uma entrevista com quatro pessoas é uma multidão...

**N** – Onde vão três pessoas, vão também quatro. Se o Fernando Jorge foi lá, eu também podia ter ido, ainda por cima, porque eles sabiam perfeitamente que iam passar a entrevista a falar de mim. Por isso mesmo, eu digo que a rádio não quis que o Nando estivesse lá presente, porque o Nando já dizer muitas verdades. A verdade é que a Rádio Clube de Sintra se portou muito mal comigo. Eu não caí de pára-queadas. Eu sou de Sintra, nasci ali



SERGIO SANTOS

ao lado do campo. Eles não me respeitaram.

#### A vinda para o Sintrense

**A PENA** – Depois de nove anos a jogar futebol em clubes da I divisão, titularíssimo no Vitória de Guimarães, convocado para a selecção nacional, a um passo de ingressar no Sporting, cobigado pelo Benfica, como é que aparece no futebol amador e no Sintrense?

**N** – Eu deixei o futebol profissional por uma razão principal, por causa de um problema pessoal que envolvia a minha ex-mulher e o meu filho desse primeiro casamento. Eu tive que deixar o futebol profissional, mas, também, em boa verdade, já estava cansado desse mundo. É muito difícil, é um mundo selvagem.

**A PENA** – Como foi a adaptação ao Sintrense, seguramente muito diferente, em termos de métodos, de táticas, de recursos, de treinos, do que estava habituado?

**N** – Eu vinha do Beira Mar, onde tinha sido sempre titular e quando cheguei aqui, já a época ia a meio, senti a mudança, porque o Sintrense parecia o Inatel. Não tenho problemas em dizer isto agora, porque disse-o na altura. Eu era profissional, habituado a

outro ritmo, queria treinar mais, tentei dar os meus conselhos, aproveitar a minha experiência, mas nunca para me pôr em bicos dos pés. Eu queria apenas ajudar.

**A PENA** – Como foi, inicialmente, o seu relacionamento com os seus companheiros?

**N** – Inicialmente, não foi muito fácil, porque eles ficaram um bocadinho de pé atrás, um bocadinho magoados. Eu percebo-os, eu era muito duro, mas eu vinha do futebol profissional. Mas, depois, juntámo-nos todos e explicámo-nos e eu disse que não queria passar à frente de ninguém, não queria magoar ninguém, apenas queria, com a experiência que tinha juntado nos meus anos de futebol profissional, ajudar o clube. E eles perceberam e passaram a respeitarem-me. E temos (ainda hoje temos) uma relação fantástica.

**A PENA** – Porque é que no último jogo, ofereceu a camisola ao público?

**N** – Porque não sou lambe-botas. Se fosse, teria oferecido ao treinador ou ao presidente. Não sou, por isso ofereci ao público, aos sócios, que pagam as quotas, que gostam de bom futebol. E já que na rádio me desligaram o telefone e não me deixaram despedir da massa associativa, quero aproveitar esta ocasião

que A PENA me concede, para agradecer aos sócios todo o apoio que me deram e que ainda me estão a dar. Podem contar sempre com o Nando.

Quero aproveitar a oportunidade para agradecer ainda ao departamento clínico do Sintrense, na pessoa do dr. Vítor Coelho, que sempre me ajudou, e ao jornal A PENA, que é um excelente jornal, que eu leio todas as semanas com interesse, bem feito e influente neste concelho.

#### Não comecem já a arranjar desculpas

**A PENA** – Na próxima época, o Sintrense vai jogar na II divisão B, depois de ter conseguido a subida de divisão...

**N** – Sim, é verdade, mas era uma série muito fácil, é preciso não escamotear a verdade. A nossa equipa era, de facto, muito superior e só não foi ainda mais fácil, porque estivemos muito mal no segundo terço do campeonato, com aqueles empates todos. Mas também aí, eu coloquei o dedo na ferida. Não podemos andar sempre a queixar-nos dos pedlados, dos relvados, dos árbitros, das equipas defensivas. Nessa altura, jogámos mal, não estávamos bem. E eu dizia isso na ca-

binha, aliás, o Daúto sabe isso muito bem. Porque é na cabina que se discutem essas coisas. A cabina é o nosso templo.

**A PENA** – Por aquilo que conhece do plantel da próxima época, acredita que o Sintrense tem valor para se manter na II divisão?

**N** – Acredito, sinceramente, acredito. O Sintrense tem jogadores excelentes e que pode muito bem fazer um campeonato relativamente tranquilo. O facto de não ser uma equipa profissional e de ter o orçamento mais baixo não pode servir de desculpa. Aliás, peço, por favor, não comecem a arranjar esse tipo de desculpas. O futebol joga-se com jogadores e o Sintrense tem excelentes jogadores. Vai ser um campeonato muito difícil, mas a equipa tem valor. Não podem é comear a arranjar desculpas para possíveis falhanços.

#### «O futuro não está ainda definido»

**A PENA** – Qual vai ser o seu futuro? Diz-se que vai jogar no Lourel?

**N** – Essa foi mais um história atirada à parede. Só para ver se pegava. Não tenho nada com o Lourel. O facto do meu irmão (José Manuel Ribeiro) ser o presidente do Sporting de Lourel não tem nada ver. O que, atenção, não quer dizer que não gostasse de representar o Lourel. Tenho lá muitos amigos: o Foca, o João Artur, o Mário Rui, o Carlos Manuel, todos directores e meus amigos, que me conhecem desde pequenino. E quero que fique bem claro que não seria desprestígio nenhum jogar no Lourel. É um clube que está a fazer um excelente trabalho.

**A PENA** – Está com 35 anos. Sente-se com forças para continuar a jogar?

**N** – Sinto-me. Quem fizer uma análise fria da minha época, conclui que não corria menos, não jogava menos que os meus colegas. Sinto-me com forças para jogar mais dois ou três anos. Quando eu próprio sentir que já não tenho condições, afasto-me.

**A PENA** – Então se o seu futuro não passa pelo Lourel, por onde passa?

**N** – Não está ainda definido. Para já, estou a estudar um convite que tive para montar uma escola de formação de futebol. Estou a informar-me do que é preciso para levar o projecto adiante.

Depois, vou para férias em Agosto, com a minha mulher e com os meus filhos, e depois logo se vê. •